

Considerações psicanalíticas sobre o existir no mal-estar contemporâneo

Psychoanalytic considerations about the existence in contemporary discontent

Rogério Quintella*

Resumo: Partindo de um recorte teórico que a psicanálise opera sobre a concepção do *existir*, o artigo aborda este tema do ponto de vista do mal-estar contemporâneo, fundamentando a concepção de sujeito na condição de *existência*, *ex-sistência* e *insistência*. Destaca-se a depressão como um sofrimento que, fixado à representação primária da “Criança Maravilhosa” e subjugado à evanescência do ideal do eu, insiste como forma de responder à dor da perda. Diferenciando-o do luto e da melancolia, concebe-se o mal-estar depressivo como resultado de uma tentativa fracassada de suturação da falta no Outro, que visa anular, *narcisicamente*, a própria falta-a-ser, implicando uma forma sintomática de existir no mal-estar contemporâneo.

Palavras-chave: Psicanálise, existir, mal-estar, depressão, contemporaneidade.

Abstract: *From a theoretical framework that psychoanalysis operates about the conception of existing, the article approaches this theme from contemporary discontent point of view, basing the conception of subject on its condition of existence, ex-sistence and insistence. We highlight depression as a suffering that, fixed to the primary representation of the “Wonderful Child” and subjugated to the evanescence of the ego ideal, insists as a way to respond to the loss pain. Differentiating it from grief and melancholy, the depressive discontent is conceived as result of a failed attempt to suturing the lack in the Other, which aims to annul, narcissistically, the very lack-to-be, implying a symptomatic way to exist in contemporary discontent.*

Keywords: *Psychoanalysis, existing, discontent, depression, contemporaneity.*

* Psicanalista, doutor em Teoria Psicanalítica/UFRJ, coordenador do Curso de Pós-Graduação em Psicanálise e Saúde Mental/Instituto Superior La Salle (RJ), prof. do Curso de Psicologia (NDE) – Universo (RJ).

I. Introdução

É perene, no meio psicanalítico, a discussão sobre as diversas formas de enfrentamento do mal-estar inerente à constituição do sujeito na cultura. O movimento psicanalítico, desde sua fundação por Freud em 1900, aponta o sujeito como implicado em seu sofrimento psíquico à medida que responde ao mal-estar em sua singularidade sintomática. A psicanálise implica o sujeito em sua própria história fantasmática, aquela mesma que sustenta o sintoma, cuja função inconsciente é enunciar a posição desejante e promover um substituto de satisfação pulsional (FREUD, 1905).

Freud deixou cunhada a importante concepção de que o mal-estar é intrínseco ao próprio circuito pulsional perante a impossibilidade de satisfação plena na civilização (FREUD, 1930). Nesse sentido, o existir no mundo do desejo implica o sujeito em sua divisão e em sua singularidade, à medida que este é constantemente convocado a dar conta do mal-estar – e o faz muitas vezes encontrando saída nos sintomas da neurose. Situando a questão no âmbito da constituição desejante face à impossibilidade de reencontro com o objeto perdido, Freud concebe que a própria organização da cultura se dá em torno da renúncia pulsional. Aponta o mal-estar como índice inelutável dessa impossibilidade, localizando a própria civilização como resultante de uma condição central, que é a renúncia.

O presente trabalho dedica-se a explorar algumas formas de responder ao mal-estar, situando a condição do *existir* no mundo da linguagem e suas especificidades perante o sofrimento contemporâneo. A clínica apresenta, com uma frequência cada vez mais acentuada nos dias de hoje, uma forma sintomática de responder ao mal-estar, muito característica da constituição do sujeito na atualidade. Trata-se de um tipo específico de depressão neurótica, distinta da melancolia, cujo cerne sustenta uma posição subjetiva capaz de colocar o processo de luto inteiramente à margem. Para abordar este tema, adentraremos as questões intrínsecas à constituição do “sentido de existência de si”, fundado no mito primário da onipotência narcísica. Conforme veremos, esta condição deflagra uma posição subjetiva que pode, diante da perda, funcionar como um sintoma – o que marca uma das mais pregnantes formas de o sujeito lidar com o mal-estar na atualidade.

Num patamar próximo deste, mas não indistinto, o luto aparece como uma resposta possível perante a perda, a frustração ou algum significante que aluda à castração. Nesse contexto, o luto pode ser mobilizado com suas peculiaridades intrínsecas, as quais não prescindem da dor, sequer de um processo

árduo e laborioso. Procuraremos abordar o luto, assim, como uma medida de trabalho que faz da dor o ponto de enlace do fio desejante no qual o sujeito, em se tratando de neurose, se acha inscrito.

Nos dois processos (luto e depressão), como veremos, o estatuto de existência é tema de imprescindível abordagem, dado que as dimensões do “existir” conjugam em sua natureza intrínseca a experiência da dor como elemento constitutivo da subjetividade face ao mal-estar no mundo do desejo, da linguagem e da cultura. Partindo dessas considerações, faremos adiante uma exposição sobre o tema do existir na concepção psicanalítica, de modo que possamos pensá-lo no contexto do mal-estar contemporâneo.

II. Situando a questão do existir na clínica psicanalítica

É somente na medida do *fora-de-sentido* dos ditos – e não do sentido, como se costuma imaginar e como supõe toda fenomenologia – que existo como pensamento¹.

Para abordar o tema do *existir* e suas implicações frente ao mal-estar contemporâneo, é imprescindível remeter-nos aos diferentes registros da constituição do sujeito – Imaginário, Simbólico e Real – trabalhados ao longo do ensino de Lacan, em sua releitura da obra freudiana.²

A psicanálise lida, no seu fundamento, com um ser falante que manifesta, via sintoma, os efeitos da própria fala no universo da experiência psíquica. A partir da escuta psicanalítica, fundada na fala livre do sujeito, o inconsciente vai ser teorizado como construto lógico, dadas as formações simbólicas e as posições subjetivas no mundo do fantasma que escapam a sapiência consciente daquele mesmo que fala. O inconsciente é um construto lógico, menos um dado fenomenológico do que uma decisão do psicanalista ao operar com a interpretação e as pontuações que implicam o sujeito na sua verdade inconsciente, assumindo esta, assim, um estatuto *ético* (LACAN, 1964). Tal como outros conceitos da psicanálise – recalque, pulsão, foraclusão, etc. –, o inconsciente não é passível de ser pensado numa base estritamente fenomenológica. Esta pontuação caracteriza a psicanálise como um campo de investigação que se afasta da fenomenologia e se distingue do existencialismo. Além de

¹ LACAN, Jacques. (1968). *O Seminário*, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

² A exposição que se segue sobre a teoria lacaniana visa *fundamentar* nossa concepção para o desenvolvimento acerca do tema aqui abordado.

desenvolver conceitos que não se pautam em uma base fenomênica, trata não apenas daquilo que “existe” como dado fenomênico da experiência subjetiva, mas também e especialmente, daquilo que escapa às possibilidades de apreensão fenomênica e mesmo de articulação simbólica, tal qual se observa com os conceitos de sujeito, objeto e real.

A constituição do sujeito implica um mergulho no universo da fala cujos efeitos se inscrevem na erogeneidade do corpo concebido como corpo pulsional ou erógeno (cf. ELIA, 1995). Esta condição conjuga os três registros abordados por Lacan ao longo de sua obra (imaginário, simbólico, real) numa dimensão intrínseca não apenas à *existência*, mas também à *ex-sistência* e à *insistência* (*ibid.*). Com Lacan pode-se asseverar que, do ponto de vista do registro imaginário, o sujeito *existe* como dado fenomênico, à medida que a constituição do eu é efeito da captação da imagem de si no espelho, fundada a partir de um outro, semelhante à criança, que vem a dar suporte à constituição dessa imagem, ao nível da *idealização* (LACAN, 1936). Do ponto de vista do simbólico, o sujeito *ex-siste* ao deslizamento da cadeia significante, à medida que esta produz sua divisão, tornando-o extrínseco ao simbólico e impossibilitando-o de ser captado ou representado plenamente no campo da fala (LACAN, 1958). O efeito das operações simbólicas no Real é um resto não simbolizável que insiste como objeto perdido, inapreensível ao nível da cadeia significante – objeto situado como “causa do desejo” (LACAN, 1964). Veremos como essas dimensões, que não podem ser abordadas de maneira isolada, se assinalam do ponto de vista da constituição subjetiva, bem como das respostas sintomáticas ao mal-estar que serão aqui trabalhadas. Buscaremos, à frente, abordar essas dimensões uma a uma, tomando o *narcisismo* como ferramenta teórica central, com objetivo de adentrar a abordagem sobre a depressão e o luto no mal-estar contemporâneo.

Existência, ex-sistência, insistência

O estatuto de existência é dado na experiência narcísica que funda, no imaginário, o eu como instância primária ancorada na fantasia da onipotência infantil. Essa fantasia se acha subjugada à idealização dos pais, à medida que os mesmos elevam a criança à majestade de uma posição impossível de ser sustentada na cultura. Em sua análise do narcisismo, Freud (1914) considera que o amor dos pais investido sobre o infante se acha condicionado ao próprio narcisismo perdido dos pais. A expressão “Sua majestade o Bebê” caracteriza a hiperidealização parental sobre a criança, fundando ali mesmo um discurso que produzirá efeitos perenes na subjetividade do infante.

Pinheiro (2002) assinala que a idealização parental é o ponto de partida do júbilo narcísico cuja experiência fundamenta o *sentimento de existência* da criança. Existir é efeito, antes de tudo, da introjeção de uma rede de sentidos plurais captados do discurso idealizado dos pais. Nesse âmbito, existir implica, em princípio, responder ao investimento parental com a fantasia da onipotência. Esta fantasia tem como objetivo rechaçar a impermanência, a falta e a finitude na relação com os pais, na busca da estase sustentada por um tipo particular de idealização que diz respeito ao investimento amoroso dos pais. O investimento parental no narcisismo do infante deflagra ali um mundo de maravilhas sob o qual este mesmo infante sustentará seu próprio ideal narcísico. Amar-se a si próprio significa render-se ao discurso embalsamador da mãe, que empresta a silhueta necessária para o advento de uma imagem de si supostamente “plena” de investimento amoroso. A *crença narcísica* referencia para o sujeito o germe da formação dos ideais mediante a apropriação imaginária do discurso parental hiperidealizado.³ Ela é a miragem do júbilo perdido, tomado como fonte especular da constituição narcísica. Redunda no *mito da onipotência narcísica*, fundado na idéia de *imortalidade e sobrepujança do eu* característica da megalomania infantil, bem como da *busca por satisfação imediata das moções pulsionais*.

O estatuto de existência se funda, assim, na relação com os pais em posição de grande Outro, este último definido como “lugar da palavra falada” que sustenta o sistema significante e engendra a constituição do sujeito como efeito da linguagem e da cultura (LACAN, 1958-1959). O discurso parental assume a função simbólica da determinação do sujeito, produzindo ao mesmo tempo, no imaginário, efeitos de organização especular e invenção narcísica. Cabe assinalar nesse sentido que o fracasso da fantasia de onipotência se acha subjugado ao caráter intrínseco da falta, à medida que o sujeito depende do Outro para existir, e vai encontrar nele mesmo a constituição da própria falta (*ibid.*). Nesse âmbito, o existir na sua plenitude é fadado ao fracasso, à medida que, no simbólico, o Outro devolve a impossibilidade de plenitude no mundo da fala e da linguagem, e no real, a fantasia de onipotência é insustentável. O enoda-

³ Entende-se como *crença* o elo narrativo da experiência subjetiva, sustentado pelo discurso e pela imagem tomados de empréstimo do outro. Trata-se do crédito depositado no tecido discursivo que tem como contrapartida os efeitos subjetivos na constituição do sujeito (MATTOS, 2007). A crença narcísica é um tipo de crença que funda a relação do sujeito com sua própria imagem ideal, característica do mito de onipotência infantil (QUINTELLA, 2008). A noção de crença narcísica será amplamente utilizada como operador teórico para a abordagem aqui visada a respeito da depressão e do existir no mal-estar contemporâneo.

mento entre imaginário, simbólico e real assinala assim que o tema da existência não pode ser abordado de maneira desgarrada dos fatores intrínsecos à própria condição da falta no campo do sujeito, situando a *ex-sistência* e a *insistência* como dimensões intrínsecas à constituição subjetiva, as quais devem ser consideradas na sua maior relevância.

Lacan frisa sobre a relação ao Outro o caráter *falho* da estrutura simbólica cujo efeito é a instauração mesma do desejo e da divisão do sujeito (LACAN, 1958-1959), mantendo um rasgo na imagem narcísica, suportada inicialmente pela idealização parental. Lacan assinala a impossibilidade de completude intrínseca à própria constituição do sujeito no campo do significante, à medida que este último não é capaz de representá-lo plenamente, lançando-o a uma cadeia significante inconsciente e abrindo caminho para a falta, o desejo e o gozo. Ou seja, não há em um significante o dizer último que defina o sujeito ou o represente plenamente, produzindo o remetimento a outros significantes na cadeia⁴. Em sua análise, Lacan sublinha a inexistência de uma garantia no Outro a respeito de uma fiança sobre o *ser* do sujeito. O autor afirma:

S(A) quer dizer isto – que em A, que não é um ser, mas o lugar da palavra falada, onde descansa o conjunto do sistema significante, quer dizer, de uma linguagem, aí falta alguma coisa, alguma coisa que só pode ser um significante. Um significante falta ao nível do Outro. Este é, se posso dizer, o grande segredo da psicanálise – não há Outro do Outro. (...) Não há no Outro nenhum significante que possa no caso responder pelo que sou (LACAN, 1958-1959, p. 46-47).

Sendo assim, tributário de um discurso pinçado do Outro que imprime sobre o sujeito o ideal da opulência narcísica na relação amorosa primária, o narcisismo é tentativa de rechaçar a falta desde já presente na relação ao Outro. Por um lado, resta à criança a inscrição de sua condição sexuada, transitória e mortal, na superação do narcisismo primário, sustentando-se como sujeito desejante, ao preço de uma perda. Por outro lado os pais, apesar de *fiadores* da idealização narcísica, deixam para o infante um débito impossível de ser quitado, sob o jugo da própria alienação dos pais em seu narcisismo perdido – fiança apoiada naquilo que o Outro não tem, não devolvendo este Outro, por isso mesmo, qualquer tipo de garantia para o sujeito.

É nessa lógica que Lacan implica o sujeito no estatuto de *ex-sistência*, no

⁴ É nesse sentido que Lacan (1964) aborda o significante como “aquilo que representa o sujeito para outro significante”.

que o simbólico instaura a *falta-a-ser* intrínseca ao mundo do desejo e do gozo. A *ex-sistência* é esse ponto real do sujeito que implica um buraco no simbólico, à medida que o próprio sujeito não é um significante na cadeia, *ex-siste* à cadeia significante, e é determinado por esta, de maneira sempre incompleta. *Falta-a-ser* é, assim, condição do ser falante, à medida que o simbólico não pode representar plenamente o ser, restando algo de irrepresentável na relação entre sujeito e objeto de satisfação, implicada no gozo.⁵

Do ponto de vista do real o objeto, como objeto perdido na relação do sujeito ao significante, insiste como força que resta da operação de simbolização, em função de sua ligação com o corpo. É o caráter insistente da pulsão que implica o real como impossível, naquilo que causa o desejo – objeto *a* – e ao mesmo tempo retorna sempre ao mesmo lugar como repetição além do princípio do prazer (LACAN, 1968). Essa insistência do real se caracteriza como o que insiste como resto não simbólicável, denominado por Lacan (1968) como *mais-de-gozo*. Isso implica, por um lado, a *renúncia primeira*, numa dimensão em que a perda faz aparecer o *objeto a* como causa de desejo; implica por outro lado, uma dimensão em que a própria renúncia reforça e fortalece a exigência superegoica (FREUD, 1930). Essa forma de gozo, que implica a renúncia e a perda como marcas constitutivas do sujeito, aparece na dimensão de um resto suplementar a ser recuperado – resto que excede ao nível do imperativo superegoico (LACAN, 1968).

A tentativa narcísica de rechaçar a falta é, portanto, intrínseca à experiência primária do sujeito. Nesse sentido, a plenitude que o discurso do Outro “inventou” (Sua Majestade o Bebê), e ao mesmo tempo assinalou como impossibilidade intrínseca à estrutura do simbólico, subjuga um *traçado paradoxal* expresso pelo próprio mito de Narciso. Entre o amor e a morte, o enamoramento absoluto de Narciso pela imagem ideal de si mesmo é o que o leva à sua própria ruína. A paralisação é de tal ordem que qualquer movimento no sentido da mudança torna-se impossível, o que o faz sucumbir à prisão de seu amor mítico. Narciso é a própria expressão do mito, e sua paralisação na imagem é a própria insígnia da paralisação no tempo – condição que, como veremos, é a marca da *depressão* no circuito do desejo. Nesse traçado, é a denegação do desejo o algoz imediato e paradoxal da própria destruição de Narciso, bem como a mira mortífera do gozo para a qual a busca da experiência do absoluto empurra.

⁵ Com essa apreensão, Lacan busca a fundamentação do sujeito a partir da noção de *ex-sistência*, à medida que o sujeito é suposto na teoria do inconsciente, não é apreensível enquanto categoria existencial fenomênica, mas *ex-siste* como elemento extrínseco à cadeia significante (LACAN, 1975).

É sob essa rubrica impossível da experiência narcísica, característica da tragicidade paradoxal que conjuga onipotência e morte, que, a nosso ver, o tema do existir deve ser pensado do ponto de vista da psicanálise. Sendo assim, tratar o existir na clínica psicanalítica implica especialmente o impossível naquilo que escapa ao fenomenicamente dado, atingindo sua condição de “mais além” característico da *ex-sistência* e da *insistência*. No contexto dessas considerações pretendemos abordar o tema da depressão como uma forma contemporânea de enfrentamento do mal-estar, implicada na condição não apenas *existencial* do sujeito, mas também *faltosa* e *pulsional*.

Essa apreensão é imprescindível para pensarmos as formas de gozo na clínica contemporânea. A *depressão* – marca do gozo na contemporaneidade – prepondera com características específicas de um modo atual de sofrimento que, não representando uma entidade diagnóstica do ponto de vista da psicanálise, e inscrita no campo da neurose, deve ser concebida como uma organização *sintomática*. Ela aparece como resultado de uma tentativa de suturação da falta, como insistência de um gozo que excede ao nível da cadeia significante, à medida que visa rechaçar o desejo, numa relação peculiar com o *ideal do eu*.⁶ Com efeito, ela não se confunde com a melancolia, sequer com o luto. Veremos adiante como isso se assinala, conforme o exposto a seguir.

III. Seguindo com Freud: o luto e a depressão como destinos possíveis à dor da perda

O luto como dor estruturante

A mobilização do luto face à perda do objeto implica forças psíquicas que têm como função dar um destino específico à relação do sujeito com a falta no Outro, de modo que este mesmo sujeito sustente sua própria condição desejante. Esta apreensão aparece na teoria psicanalítica desde o momento em que Freud situa o luto como um *trabalho*. O luto engendra a própria pulsão na sua condição de *exigência de trabalho implicado na relação com o corpo* (FREUD, 1915) – força que mobiliza, em seu caráter de *insistência*, a elaboração simbólica da perda objetal.

Em *Luto e melancolia*, Freud (1917) descreve as características básicas do processo de luto. Ali ele considera que no luto prevalece uma inibição da ativi-

⁶ A especificidade do ideal do eu na depressão será discutida no terceiro tópico da presente exposição.

dade do eu e sua absorção, uma “perda [temporária] da capacidade de adotar um novo objeto de amor” (*ibid.*, p. 250). “É notável que esse penoso despaizer seja aceito por nós como algo natural. Contudo, o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (*ibid.*, p. 251).

O enlutado se mantém, segundo Freud, temporariamente num estado de rebaixamento libidinal e sofrimento ante a morte ou à perda cujos efeitos se fazem valer pela possibilidade de finitização da dor. O luto é evocado pelo sujeito no sentido de fazer com que, perante a perda, a dor não se eternize. Nesse sentido, o luto se configura efetivamente como um *trabalho psíquico*. Ratifica-se que o trabalho do luto tem a função de assimilação da perda e de possibilitar que o sujeito se separe do objeto perdido e reinvesta num substituto. O enlutado martiriza-se pela perda, recorda-se constantemente do perdido, trabalhando no sentido mesmo de dar a isso um estatuto efetivo de perda e assimilação simbólica da perda, relançando-se ao desejo.

O luto, nessa apreensão, constitui um doloroso caminho sobre o qual o humano percorre a fim de assimilar a perda do objeto e a própria transitoriedade. Além de proporcionar tal assimilação simbólica, o enlutado se protege de seu próprio desmoronamento mediante um momento passageiro de *acirramento da dor psíquica*: a lembrança do objeto perdido, o pranteamento, a inibição passageira, etc.

Assim, o luto é *dor estruturante* à medida que move um trabalho de ligação e integração daquilo que irrompe no aparelho psíquico e fica momentaneamente sem metaforização. É mola propulsora da simbolização e afirmação narrativa da perda mediante reconstrução da dor psíquica diante da angústia que irrompe no sujeito quando este se depara com a faceta inominável do objeto perdido (*cf.* LACAN, 1962-1963). Em outras palavras, o luto tem por função *dar um nome ao perdido*, promovendo um lugar no simbólico para o perdido. Lacan assinala que após o processo do luto se instaura uma transformação no eu. Nesse sentido, após o luto, o sujeito não será mais o mesmo de antes, o que implica um processo de transformação do eu e separação do objeto perdido (LACAN, 1958-1959). É precisamente na travessia do luto que o sujeito retoma a via do desejo, lançando-se a novas formas de existir e a novos investimentos.

Veremos adiante que a abordagem do luto a partir de Freud não deixa espaço teórico para uma confluência conceitual entre o luto e a depressão – os dois conceitos não se confundem, não obstante se relacionarem, ainda que de maneira excludente e heterogênea. Esses conceitos serão aprofundados a seguir, de forma sustentada no pensamento de Freud e de outros autores, como Serge Leclaire, os quais contribuem para o avanço do tema.

Com Freud, além de Freud: luto e depressão

Podemos adentrar o tema da depressão e sua relação com o luto mediante o estudo de alguns aspectos relativos à obra freudiana, na depuração dos problemas concernentes à constituição do sujeito.

Em *Bate-se numa criança*, Freud (1919) identificou importantes elementos subjacentes aos movimentos fantasmáticos infantis os quais, guardadas suas especificidades, revelam a circunstância específica de um momento subjetivo extremamente relevante no percurso de vida dos sujeitos.

Freud discute ali algumas peculiaridades determinantes da fantasia infantil que podem revelar aspectos decisivos para a compreensão do modo como o sujeito responde ao impasse da onipotência narcísica. Ele aponta que a primeira fase da fantasia de flagelação infantil corresponde a uma imagem repetitiva na qual uma criança é espancada por um adulto – em geral o pai. A fase subsequente corresponde, segundo ele, à posição inconsciente na qual o sujeito se vê como sendo a própria criança espancada, em que se faz verificar um retorno ao masoquismo e um sentimento de culpa remetido ao desejo incestuoso. Na terceira fase, a fantasia se traduz por um sentido de universalização dos personagens presentes, não havendo nela atribuições identificatórias, mas uma abrangência que não especifica os atores da cena.

Este resumo serve para nos referenciarmos na discussão introduzida por Freud a respeito da posição do sujeito frente ao desejo dos pais que caracteriza o rechaço fantasmático de sua falta. Esta condição introduz para o sujeito uma experiência específica concernente à dimensão da finitude e da transitoriedade. Nossa análise se atém ao primeiro momento da fantasia, acerca do qual Freud aponta:

(...) muitas crianças, que se acreditavam seguramente entronadas na inabalável afeição dos pais, foram de um só golpe derrubadas de todos os céus da sua onipotência imaginária. A idéia de o pai batendo nessa odiosa criança é, portanto, agradável, independente de ter sido realmente visto agindo assim. Significa: 'O meu pai não ama essa criança, *mas apenas a mim*'⁷ (*ibid.*, p. 202).

Conforme sinalizamos anteriormente a respeito do mito de onipotência narcísica na constituição *existencial* do sujeito, salienta-se que, em sua experiência subjetiva, a criança é sumariamente destronada de seu lugar de opulência no discurso dos pais logo que os mesmos apresentam-se como faltosos,

⁷ Grifo do autor.

especialmente a mãe, para quem os investimentos primários são dirigidos. Tal destronamento, que muitas vezes toma a fantasia de flagelação infantil como saída possível ao impasse da onipotência narcísica, pode resultar não menos numa experiência de luto, cujo destino proporciona ao sujeito uma relação positiva com a transitoriedade, e o próprio desejo. Nesse âmbito, a angústia do sujeito diante do objeto que aí se desnuda como *perdido e não nomeado* move um trabalho de luto capaz de reinstaurar a condição do desejo.

O trabalho do luto não é, contudo, um movimento necessário de resposta à perda. A depressão aparece como uma possibilidade de resposta que difere do luto, cuja incidência caracteriza uma vicissitude da *crença narcísica*. Diferentemente de um trabalho de luto, a depressão aguda constitui em sua própria radicalidade a outra face de uma mesma moeda: onipotência narcísica e estase depressiva.

Esse *sentido de onipotência*, perseguido sintomaticamente pelo deprimido, é precisamente o que Serge Leclaire (1975) denomina “Criança Maravilhosa”. A Criança Maravilhosa é segundo o autor o fundamento da experiência “primária” do narcisismo, “é uma representação inconsciente primordial, na qual se entrelaçam, mais densos do que em qualquer outra, os anseios, nostalgias e esperanças de cada um” (*ibid.*, p. 11). Essa figuração faz toda referência à crença definida como aquilo que promove o elo narrativo da experiência de si na constituição do sujeito. Tal experiência contorna toda uma complexidade que Leclaire situará como o *paradoxo da condição subjetiva*: se por um lado esta “maravilha infantil” faz referência ao júbilo da centralidade narcísica, por outro lado remete ao inescapável da morte – por isso o paradoxo – na assunção jubilosa como primeira figuração estática do sentimento de onipotência. É o mito da onipotência produzindo uma fabulação: o absoluto impossível, desfrutado pela insígnia dos pais que emprestam o simbólico como matéria-prima e o imaginário como efeito jubiloso da imagem perdida. Nesse âmbito, nada mais preciso do que situar a dimensão intrínseca da morte no próprio nascimento da subjetividade, no existir primeiro, tal como faz Leclaire. Nascer (psiquicamente) implica em morrer, e morrer implica em nascer, sob o jugo de se fazer sujeito e sustentar o movimento desejante cuja condição é a própria morte da “Criança Maravilhosa”. É o que Leclaire demonstra em sua análise do mito infantil, aquele mesmo referido por Freud na menção ao *ego-ideal*, marcado pela alienação que exige constantemente um trabalho de luto: *mata-se uma criança*.⁸

⁸ Leclaire salienta em sua obra o aspecto pulsional deste processo, no qual se assinala a pulsão de morte como condição para a mobilização do próprio luto. O fracasso da instauração deste último deflagra não menos a reverberação paradoxal da Criança Maravilhosa em sua face cruel e mortífera, tal como veremos adiante, em nossa proposta sobre a depressão.

É notável, entretanto, a dificuldade que o sujeito tem, muitas vezes, de “matar” sua própria criança interna, ou seja, fazer o luto da Criança Maravilhosa. Leclair afirma que o sujeito refugia-se na Criança Maravilhosa sob o risco paradoxal de acelerar o curso inescapável de sua própria morte, de sua finitude objetiva. O paradoxo que aqui se instala revela que, para sustentar o desejo, o sujeito tem de matar não apenas o Outro que o inventou, mas também a si mesmo, num suicídio sem morte cujo drama enuncia a trajetória da própria dor narcísica. Ou seja, o sujeito *nasce* mergulhado numa *crença narcísica* sob o risco perene da morte caso não renuncie a esta mesma crença que o fez existente. Necessidade que Leclair situa como função permanente do movimento desejante.

Se a perda é intrínseca à própria experiência narcísica, circunscrevem-se, a partir disso, os conceitos de *luto* e *depressão* como destinos heterogêneos ao impasse da onipotência narcísica e da perda objetal. Os contextos específicos nos quais a depressão se manifesta de maneira mais violenta e crítica é a expressão máxima do paradoxo perfilado por Leclair – paradoxo situado nos liames da vida e da morte (subjetivas). A depressão caracteriza-se por uma saída *contradesejante*, e não é, como pode parecer, uma aderência direta à morte. Ela é, diferentemente do luto, a negação da finitude e do desejo, que situa o paradoxo da Criança Maravilhosa. Tal paradoxo pode ser constatado pela outra face desta moeda: a depressão é recurso do sujeito para não se deparar com o transitório e para tentar uma recuperação do gozo através da estagnação e da prostração – uma parada que exige do *tempo* aquilo que ele não pode dar.

Sobre esse aspecto, o pensamento de Freud é de extrema fecundidade. Em suas perquirições, Freud (1915) dizia que a transitoriedade não reduz, mas *ao contrário*, aumenta o valor das coisas. No texto que discute a respeito da transitoriedade, o ponto de vista de Freud situa, na ponta de sua caneta, aquilo que seu interlocutor – o poeta Ranier Maria Rilke – apresenta quando se refere ao transitório. O poeta afirma que, se as coisas se acabam, seu valor se destitui num presente absoluto: triste e trágico. Divergindo desta concepção, Freud denomina tal posição de “revolta contra o luto”, vinculada a um dos mais preponderantes anseios narcísicos: a exigência de imortalidade.

(...) essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade; o que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro. (...). Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda de seu valor (*ibid.*, p. 317).

Contextualizando a depressão nesta temática – a transitoriedade –, salientamos que, para a crença narcísica – ancoragem fundamental da depressão – a finitude é incompatível ao projeto de unidade e permanência no discurso da perfeição na relação ao Outro. No caso dessa crença assumir um estatuto central e hegemônico na vida psíquica do sujeito, a estagnação depressiva aparece como a via pela qual, diante da perda, esse mesmo sujeito nega a morte da Criança Maravilhosa, impedindo-se à transformação subjetiva engendrada pelo luto, marcando ali a não sustentação do desejo. Trata-se de uma tentativa fracassada de rechaço da falta que marca o ser como incompleto – rechaço da *falta-a-ser* mediante a representação primária da Criança Maravilhosa cujo corolário é a depressão como resultado sintomático desse fracasso.

Cabe frisar, assim, que não se trata na depressão de um desdobramento do afeto de tristeza, dado que este, como afeto, conduz o sujeito ao trabalho de luto, por mais intenso que possa se apresentar. A depressão não se reduz a um afeto, trata-se de uma saída defensiva que resulta em sintomas graves de estagnação, perda do interesse pela vida, desinvestimento, conflitos com a imagem de si – sintomas que às vezes culminam em atos suicidas. O deprimido ancora-se no mito da onipotência do eu que, não passando de um lampejo de perfeição que se apaga no tempo, engendra uma posição inversa de silenciamento absoluto e denegação radical da divisão e do desejo. Caracteriza-se nisso a contrapartida oposta àquela subjacente ao *desejo*, este último assumindo sustentação mediante o luto cuja principal função é inscrever a contingência do sujeito, sua temporalidade, transitoriedade e mortalidade, conjugando com isso, a relação entre a perda e o próprio desejo.⁹

Algumas notas sobre a distinção entre depressão e melancolia

Cabe aqui realizar uma breve distinção, imprescindível do ponto de vista teórico-clínico, para que não incorramos em equívocos que muitas vezes aparecem no campo psicanalítico. Na melancolia, a questão apresenta-se de maneira distinta. Nela o que ocorre é uma retirada da libido para o eu – o que, diante da perda, caracteriza a identificação narcísica ao objeto (FREUD, 1917).

⁹ A condição aqui descrita se acha na base da experiência depressiva que se intensifica na contemporaneidade, e de outros sintomas que sobrepujam as manifestações “clássicas” características da metáfora sintomática histórica, a qual ofertava o corpo como palco de decifração do desejo inconsciente. Nesse sentido, o sintoma da depressão apresenta especificidades outras que merecem todo cuidado teórico-clínico no que tange às possibilidades de saída diante da castração, numa relação peculiar com o ideal do eu, como veremos à frente.

Essa identificação marca a impossibilidade mesma de inscrição da perda, à medida que o objeto fica “instalado” no eu, promovendo o automassacre melancólico. Esse processo é engendrado pelo supereu perante o eu ideal evanescente, característico da afirmação freudiana de que “a sombra do objeto recaiu sobre o eu” (*ibid.*).

Numa apreensão aprofundada, Lambotte (2003) situa na constituição da subjetividade melancólica uma forma de identificação que denomina “*identificação ao nada*”, subjacente à “*deserção do Outro*” e à “*evanescência do eu-ideal*”. Segundo esta apreensão, a criança em sua constituição subjetiva não é fisgada como objeto do discurso idealizado dos pais na constituição especular. O olhar da mãe, segundo a autora, atravessa o sujeito, não atribuindo a ele qualquer sentido de existência ou predicação, deflagrando para ele uma existência no nada. Desertado, o Outro não inclui o sujeito na função do desejo, mas num vazio sem precedentes que instaura a Identificação ao nada (*ibid.*). O melancólico denuncia de maneira violenta e mesmo insuportável a sua própria insustentabilidade existencial. Não atingido pela idealização narcísica que de outra sorte o colocaria numa posição de centralidade (eu ideal), o eu se precipita, *destituído, contudo da ilusão de sua própria onipotência*. Não houve sequer a constituição do objeto como “perdido” (HASSOUN, 2002) – não havendo reconhecimento ou registro da perda que promoveria a inscrição do sujeito no campo do desejo. Ali a idealização se constituiu no ponto de evanescência do olhar da mãe, o qual se dirige a um modelo cuja exterioridade representa um ideal inacessível para o sujeito. Segundo essa lógica, o sujeito é lançado para fora de qualquer representação jubilosa característica da formação primária da crença narcísica (QUINTELLA, 2008). Sem chances de alcance, o ideal se torna a própria raiz do aviltamento superegótico. Nesse sentido, Lambotte fala numa “ruptura do transitivismo especular que chega ao isolamento e ao reforço do ideal do eu, às expensas de um eu-ideal que não pôde elaborar-se na origem” (LAMBOTTE, *op. cit.*, p. 224).

Sendo assim, o que vai se assinalar na melancolia é um ideal do eu rígido até as últimas consequências, fortalecido por um supereu capaz de estraçalhar o eu melancólico. A *evanescência do eu ideal* na melancolia se encontra na base do massacre superegótico, cujo teor discursivo aponta para “eu não valho nada”, “eu não sou nada” (LAMBOTTE, *op. cit.*).

Na depressão, diferentemente, o sujeito *reconhece a perda do objeto*, contudo refugia-se na crença narcísica, num recuo defensivo que nega qualquer possibilidade de transformação, ou de se lançar ao ideal do eu. Sobre isso cabe lembrar que a depressão manifesta uma forma de idealização cujo registro

acha-se fixado ao *eu ideal* da Criança Maravilhosa. O que vai distinguir essas formas de sofrimento, é que *a evanescência na subjetivação dos pacientes deprimidos não é do eu ideal, mas do ideal do eu*.¹⁰

Podemos assinalar nesse diferencial o cerne da idealização que marca essas duas manifestações clínicas: na melancolia constata-se a evanescência do eu ideal, que abre caminho para a identificação narcísica ao objeto; na depressão, a evanescência do ideal do eu, assinalando-se o recuo para a crença narcísica, que passará a funcionar como um sintoma.

Como “*evanescência do ideal do eu*” define-se aqui uma fugacidade no ancoramento identificatório edipiano, cuja função seria de permitir ao sujeito afastar-se da crença narcísica e reaparecer transformado após o processo de luto, sustentando o desejo e lançando-se ao futuro. Nesses termos, não é a figura do Pai o que entra no lugar do ideal do eu ancorado numa imagem assimétrica que pudesse engendrar uma saída identificatória, – tal como Freud (1923a) constatava na clínica de sua época. O que entra no lugar do ideal do eu é a própria crença narcísica, funcionando ali como sintoma. O deprimido encontra grandes dificuldades de ligar presente e futuro num processo psíquico de integração que o filiaria, no caso do luto, a uma ação descolada da idealização narcísica. O que se verifica no discurso dos pacientes deprimidos é a projeção no futuro de um eu ideal impossível de se realizar – e isso, quando há uma projeção no futuro. Sem estabelecimento de qualquer construção narrativa a partir da qual o sujeito dispor-se-ia a agir, a idealização de si mesmo no futuro é similar à própria idealização de ‘Sua Majestade o Bebê’ (PINHEIRO, 2005). Ela é de tal ordem que o sujeito deprime como expressão de seu próprio fracasso narcísico. A imagem de si no presente é sempre insuficiente perante a exigência do eu-ideal “absoluto” e “perdido”. Tal insuficiência beira, numa similaridade inversa, o mesmo absoluto irreduzível da Criança Maravilhosa (QUINTELLA, *op. cit.*). Nesse nível, a não instauração do luto é situada no mesmo ponto de evanescência do ideal do eu que impede ao sujeito o afastamento da crença narcísica e a própria “morte” da Criança Maravilhosa.

¹⁰ O ideal do eu é o ponto de ancoragem identificatória que afasta a criança do narcisismo primário (FREUD, 1914) e, consequentemente, da crença narcísica. É a partir da identificação ao ideal do eu que o sujeito internaliza os traços do pai na dialética do desejo, frente à condição da falta no Outro. O ideal do eu aparece como uma saída identificatória, proporcionando a mobilização do luto e o afastamento da fantasia primária da onipotência narcísica.

IV. A depressão e o existir na atualidade

A questão do ideal do eu

O tipo de depressão que procuramos abordar aqui é uma realidade sintomática constatável na clínica psicanalítica contemporânea. As implicações sintomáticas aqui trabalhadas definem um tipo especial de sofrimento depressivo que se ancora na crença narcísica, característica de uma forma peculiar de sutura da falta no Outro. A circunstância em pauta se situa num nível em que o depressivo, inscrito no campo do desejo, responde diante da perda na contramão deste último, subjugando-se à evanescência do ideal do eu, tal como apontamos acima.

Esse tipo de depressão se intensifica na clínica psicanalítica à medida que se torna cada vez mais evidente a evanescência do ideal do eu na atualidade, a busca pelo imediatismo da satisfação pulsional e a tentativa de supressão da temporalidade. Colocada sintomaticamente no lugar do ideal do eu, a crença narcísica assume hoje, muitas vezes, hegemonia no discurso do sujeito, numa busca sintomática de rechaço da falta. Nesse contexto a castração, cuja especificidade implica a falta no Outro, assume cada vez mais um caráter de insuperabilidade, dado que o sujeito encontra hoje maiores dificuldades de lançar mão de uma ancoragem no *ideal do eu* capaz de operar a renúncia à crença narcísica.

Sobre esse aspecto, cabe assinalar que Freud situava no *ideal do eu* um processo identificatório que afasta o mesmo do narcisismo primário, mobilizando o trabalho do luto:

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (FREUD, 1914, p. 106).

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud apontou, ainda, que o ideal do eu individual é substituído por um ideal coletivo, ocupado por uma figura de autoridade – o líder, o padre, o juiz, o presidente, o professor, o hipnotizador, etc (FREUD, 1923b). Ali o que se constatava era a instauração “*bem definida*” do ideal como marca da prevalência de uma imago “assimétrica” que sustentava a coesão, tanto grupal, quanto psíquica.

Como se constata hoje, os modelos de cultura que, na modernidade, encontravam sustentação no ideal do eu, perdem lugar de maneira radical, desvanecem, ou não assumem valor, instaurando mais intensamente o sentimento de desamparo. Hoje o sujeito é lançado, conseqüentemente, a uma instabilidade extrema – muitas vezes insuportável –, posto que os modelos ideais, alicerçados por um código definido sobre os caminhos a serem trilhados, acham-se desvanecidos em nome da busca imagética do eu, bem como do imediatismo no campo da satisfação pulsional – vetores que apontam para a sobrepujança da crença narcísica. Esta prevalência da imagem de si subjugada ao imediatismo da satisfação pulsional, à busca pela “plenitude narcísica” ou ao “mito de onipotência” parece substituir qualquer possibilidade de projeção num futuro que suporte o “tempo de espera” (PINHEIRO, *op. cit.*) na sustentação do desejo.

Cabe frisar, se a cultura é o lugar a partir do qual o sujeito se constitui na relação ao Outro, faz-se imprescindível a análise sobre as formas peculiares de enfrentamento do mal-estar na cultura contemporânea. A evanescência do ideal do eu na atualidade e o sintoma depressivo são intrínsecos à perseguição imagética cuja sobrepujança assinala o lugar que a crença narcísica assume hoje no campo das formações sintomáticas, como formas de gozo frente ao mal-estar contemporâneo.

Gozo depressivo: insistência na contemporaneidade

No traçado teórico até aqui percorrido, vimos que a constituição do sujeito, marcada pela falta na relação ao simbólico, implica a resposta singular de cada um no universo do desejo. A proposta teórica fundamental do presente trabalho assinala a depressão como uma forma sintomática do sujeito existir no mal-estar contemporâneo. Ela é resultado de uma tentativa fracassada de suturação da falta no Outro, tentativa essa *peculiar* na atualidade, *subjugada à evanescência do ideal do eu*. Ela visa anular, *narcisicamente*, a própria falta-a-ser na dialética desejante. Caracteriza, além disso, os percalços da vida psíquica na atualidade na forma de um gozo mortífero que insiste ao nível do real, extrapolando as formações sintomáticas “clássicas”. Este último aspecto aparece de uma maneira muito mais notável nos dias de hoje do que aquela abordada pela decifração psicanalítica do tempo de Freud, e repensada por Lacan no início de seu ensino. O sintoma depressivo, à medida que marca o fracasso da crença narcísica colocada no lugar do ideal do eu, diferencia-se dos sintomas “clássicos” que, mapeados pela condensação, fazem prevalecer as formações simbólicas como formas de responder ao enigma do desejo do Outro. A depressão na

contemporaneidade funciona como uma forma de gozar, resultado de um resto suplementar da operação simbólica, submetido à castração e à renúncia primordial, supostamente capaz de ser recuperado mediante a fixação na imagem perdida da Criança Maravilhosa.

Assim, na atualidade, a busca pela suturação da falta caracteriza novas formas do sujeito lidar com o mal-estar. A depressão é o signo de uma dificuldade radical de lidar com a falta e a transitoriedade na cultura contemporânea, o que se evidencia pela busca do imediatismo no campo da satisfação e pela perseguição imagética do eu, traduzindo a face mais radical dos discursos atuais.

Sobre isso, cabe assinalar que, em sua configuração, a técnica e o desempenho visam, dentre outras coisas, à supressão da finitude. A cultura atual parece apontar para o que podemos chamar de *discurso da imortalidade*, cuja característica é situada por Baudrillard (2001) quando aborda os insidiosos poderes tecnológicos do adiamento ou mesmo dissipação da morte, numa suposição de que abrir mão da idéia de degradação intrínseca à vida seja possível. A cultura contemporânea parece enunciar em suas entrelinhas uma nova negação da finitude. Nesse contexto a morte poderia ser supostamente suplantada com a garantia prometida dos avanços científicos a partir dos quais o mundo hoje se organiza (*ibid.*). A nova salvação para a finitude centraliza-se no aparato tecnológico, o qual se associa terminantemente à perseguição narcísica do bem-estar absoluto e da satisfação imediata – bem como da auto-imagem perfeita e não atingida pelo tempo.

Pode-se perceber claramente essa negação da finitude no desenvolvimento cotidiano de técnicas que lutam contra o envelhecimento; ou em obsessões relacionadas à manutenção do status corporal perseguido nas academias, muitas vezes compulsivamente; ou ainda, a busca científica pela extensão da vida mediante pesquisas no campo da biogenética, etc. Nesse ínterim, o que a cultura atual parece emitir em suas enunciações é o discurso mesmo da imortalidade impossível, pela via das promessas de extensão da vida, de permanência da beleza relacionada à imagem corporal e da perseguição atroz pela perfeição imagética do eu.

O autocentramento subjetivo contemporâneo faz do eu ideal a referência do sujeito na atualidade. Na depressão o sujeito acha-se centrado no eu ideal perdido, em que a negação do desejo aparece como outra ponta do fio da negação da finitude, como resultado de uma tentativa particular de suturação da falta no Outro tal como apontamos. A depressão é a marca do fracasso desse sistema defensivo, posto que essa tentativa de suturar a falta não conduz o sujeito à felicidade, mas assinala ali mesmo a “incurabilidade” da castração, redi-

reacionando este mesmo sujeito ao funcionamento além do princípio do prazer, preponderante no sofrimento depressivo. A depressão indica uma saída defensiva que coloca em questão o próprio estatuto de existência do sujeito. Este último se situa na própria *fundação do existir em sua faceta sintomática*, ancorada na imagem da Criança Maravilhosa, à medida que deflagra uma posição contradesejante a partir da qual o sujeito se furta ao trabalho do luto e à própria superação da crença narcísica.¹¹

Conclusão

Constituir-se como sujeito desejante implica, portanto, superar o estatuto de existência conflagrado no narcisismo primário, suportando a *falta-a-ser* e a insistência pulsional. Se partirmos desta consideração, cabe ponderar que a sobrepujança da crença narcísica e do mito de onipotência, tão perseguidos nos dias de hoje, são índices de uma defesa peculiar diante do ideal do eu evanescente. Essa defesa que se inscreve, como dissemos, no campo da neurose, busca desviar-se da castração e culmina no fracasso da própria defesa, o qual leva ao mergulho numa dor que dilacera, e denuncia a inoperância da crença narcísica perante a transitoriedade e a própria castração simbólica. Ela implica o naufrágio do desejo, numa condição mortífera, característica da estagnação depressiva aqui discutida.

No contexto dessas considerações a depressão, que assume hoje um papel decisivo no fortalecimento da indústria farmacológica (BOGOCHVOL, 2001), não é uma simples produção da psicofarmacologia – não obstante o uso indiscriminado de seu diagnóstico no campo médico. O tipo de depressão que procuramos abordar no presente trabalho é uma realidade sintomática constatável do ponto de vista da psicanálise, o que não pode, a nosso ver, ser negligenciado. Ela indica especialmente que a dificuldade atual de instauração do luto caracteriza a relação peculiar que se estabelece hoje com a temporalidade, a transitoriedade e o ideal do eu. Como dissemos, a *busca por satisfação imediata* com sua contrapartida depressiva diante da falta, substitui muitas vezes o laborioso processo do luto na atualidade. Trata-se então de uma tentativa, sempre fracassada, de supressão da própria temporalidade – tentativa ancorada no mito da onipotência infantil tão perseguido nos dias de hoje.

¹¹ Cabe frisar, assim, que a depressão não representa uma entidade diagnóstica do ponto de vista da psicanálise, mas deve ser concebida como um arranjo sintomático no campo da neurose que segue a lógica aqui discutida.

Sendo assim, a configuração clínica da depressão revela um *modo de defesa próprio do sofrimento subjetivo na contemporaneidade*. Esta constatação exige aprofundamento equânime à questão do sujeito contemporâneo, especialmente com relação ao ideal do eu. Cabe, portanto, investigar a especificidade da técnica defensiva que se acha na base do sintoma depressivo. Tal modalidade defensiva deve ser definida sob os parâmetros psicanalíticos, de modo que possamos avançar em direção a elementos teóricos capazes de lançar luz sobre o existir no campo do desejo e do mal-estar nos dias de hoje.

Rogério Quintella

e-mail: rrquintella@hotmail.com

Tramitação:

Recebido em 11/05/2012

Aprovado em 21/06/2012

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ELIA, Luciano. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- FREUD, Sigmund. (1905). *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 7).
- _____. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 14).
- _____. (1915). *Sobre a transitoriedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 14).
- _____. (1917). *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 14).
- _____. (1919). *Bate-se em uma criança*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 19).
- _____. (1923a). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 19).
- _____. (1923b). *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 18).
- _____. (1925-1926). *Inibições, sintoma e angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 20).
- _____. (1930). *Mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (ESB, 22).
- HASSOUN, Jacques. *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HERZOG, Regina. O laço social na contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Escuta, ano 7, n. 3, p. 40-55, 2002.

LACAN, Jacques. (1936). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como se revela na experiência psicanalítica. In:_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. (1957-1958). *O seminário: livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1958-1959). *Textos psicanalíticos I: Hamlet por Lacan*. São Paulo: Escuta/Liubliú, 2005.

_____. (1962 – 1963). *O seminário: livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1964). *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1968). *O seminário: livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1969-1970). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. (1975). *Encore*. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise Letra Freudiana. Tradução inédita da Escola de Psicanálise Letra Freudiana.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Le discours mélancolique: de la phénoménologie*. Paris: Anthropos, 2ème édition, 2003.

LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MATTOS, Paulo. Os confins da psicanálise e a crueldade das incertezas. São Paulo: Escuta, 2007.

PINHEIRO, Teresa. Escuta psicanalítica e novas demandas clínicas: sobre a melancolia na contemporaneidade. *Psychê - Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano 6, n. 9, p. 167-176, 2002.

_____. Depressão na contemporaneidade. *Pulsional - Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano 18, n. 182, p. 101-109, jun. 2005.

QUINTELLA, Rogerio. Vicissitudes da crença narcísica: a depressão no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.